

Os Problemas Sociais Urbanos e os Impactos nas Gentes Pantaneiras: O Caso das Bebidas Alcoólicas

The Urban Social Problems and their Impacts on the People from Pantanal: the Case of Alcohol Abuse

Mara Aline Ribeiro*

Resumo: Desde a década de 1970, até a atualidade as gentes pantaneiras (trabalhadores e empresários da pecuária e do turismo) estão em processo de transformação nos diversos segmentos de vida, dentre eles, a chegada de novos e diferentes sujeitos ao Pantanal. O objetivo desse trabalho é entender como o capitalismo industrial interfere no modo de viver das gentes pantaneiras por intermédio do consumo de bebidas alcoólicas. Para tanto, o método de aplicação da pesquisa iniciou com minuciosa revisão bibliográfica, partiu do princípio da observação e do levantamento de dados por meio de entrevistas estruturadas.

Palavras-chave: Pantanal, gente pantaneira, bebida alcoólica.

Abstract: Since 1970's, until actuality the Pantanal people (workers and entrepreneurs by livestock and tourism) are in transformation process in different threads of life, among they, the arrival of the new and different people in the Pantanal. This article purports to understand how the industrial capitalism, affects the way of life the Pantanal people through alcohol abuse. The theoretical framework begun with a literature review, observation and data survey through interview in loco.

Keywords: Pantanal, people from Pantanal, alcoholic beverage.

Introdução

Desde o final do século passado o Pantanal está passando por transformações em sua geografia. A crise nas atividades agropecuárias, o avanço das comunicações e da tecnologia, aliado ao advento do turismo na década de 1970, alterou o modo de vida da comunidade pantaneira.

A implementação do turismo e a modernização da pecuária, promoveram a entrada de outros personagens no Pantanal, e com eles, as relações sociais, culturais, econômicas e as formas de se relacionar com a natureza foram se transformando.

Dentre as mudanças, pode-se destacar inserção de problemas sociais urbanos, como por exemplo, o consumo de bebidas alcoólicas.

* Doutora em Geografia. Professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Membro do Grupo de Pesquisa Território e Ambiente – GTA/UGD. mara_aline@yahoo.com.br

Sob o olhar da Geografia, este artigo tem por objetivo descrever e analisar, como o capitalismo industrial interfere no modo de vida das gentes pantaneiras pelo aumento na ingestão de bebidas com elevado teor etílico.

O referencial teórico da Geografia revela as transformações econômicas, sociais e culturais no Pantanal ao ser inserido no processo de globalização, apoiado em autores como Carlos (2008), Giddens (1990), Haesbaert (2009), Harvey (2005), Krippendorf (2000), Lefebvre (2001), Santos (1991, 2009), Souza (2005), que discutem as noções de sociedade conforme o momento histórico e social vigente, e, sobretudo, de acordo com as formas de acumulação de capital determinada pelo mercado globalizado.

O método de aplicação da pesquisa em Geografia, para compreender os olhares do Pantanal para o mundo, iniciou com minuciosa revisão bibliográfica. Partiu do princípio da observação e do levantamento de dados por meio de registros fotográficos e de entrevistas estruturadas coletadas diretamente em campo, interpretadas e analisadas qualitativamente à luz da Geografia.

Ao longo dos escritos será usada a expressão “gentes pantaneiras” como referência aos moradores/produtores do Pantanal. São homens, mulheres e crianças envolvidos diariamente na construção, reconstrução e ressignificação da geografia do Pantanal. Aos entrevistados foi atribuído um código para preservar a identificação: a letra “E”, seguida de numeração sequencial, mês e ano da entrevista. Ex: “E01-12/10” corresponde à primeira pessoa entrevistada no mês de dezembro do ano de 2010.

O cotidiano do consumo da bebida alcoólica

A confraternização com bebida alcoólica é uma prática milenar entre homens e mulheres de todas as raças, classes sociais e poder aquisitivo, para celebrar a vida, a caça, a colheita, os nascimentos, as conquistas, entre outros motivos.

Desde a mais remota Antiguidade o ser humano faz uso de bebida alcóolica, seja em ritual religioso ou laico. Entre os indígenas, por exemplo, a bebida é uma prática secular, eles a produziam, algumas vezes alucinógena, para os rituais da tribo, ou seja, havia uma simbologia na produção e no consumo da bebida que os “levava” à divindade e à legalidade da bebida. Segundo Souza, Oliveira e Kohatsu (2005):

A maioria dessas sociedades (indígenas) preparava bebidas alcoólicas fermentadas, cujas matérias-primas incluíam seiva da palmeira, mel, frutas, banana, batata doce, milho, mandioca, caju, etc. Eram preparadas e depositadas em cochos de madeira ou em grandes potes de barro, cabendo às mulheres sua produção. O consumo era coletivo e,

em alguns grupos, a beberagem durava dias, até se exaurir o estoque da bebida, e servia para cumprir rituais bem marcados. Outros grupos usavam a bebida fermentada com finalidade terapêutica e em rituais de xamanismo. Outros faziam uso dessas habitualmente, como alimento ou divertimento. A maneira, a finalidade e a ocasião para se fazer uso dessas bebidas diferiam (e continuam a diferir) de um grupo para outro (SOUZA, OLIVEIRA e KOHATSU, 2005, p. 153).

É importante esclarecer que este artigo trabalha a generalidade do consumo de bebidas alcoólicas. Casos isolados de alcoolismo, como por exemplo, entre a população indígena, não é foco desta análise.

No mundo moderno, a bebida, com alto teor etílico, se transformou em mercadoria, como consequência do avanço do capitalismo. A indústria investe em *marketing* e propaganda para aumentar o consumo e, conseqüentemente, gerar mais lucro para a empresa. Indiscriminadamente, no campo ou na cidade, todos, mediante pagamento, têm acesso à mercadoria “bebida” diariamente, independente da forma de utilização e dos problemas derivados do consumo excessivo do álcool.

Nas cidades, habitualmente, ao encerrar o expediente comercial, os trabalhadores se reúnem com os colegas e utilizam a bebida como mecanismo de descontração e relaxamento. Os padrões urbanos de utilização, moderada, da bebida alcoólica depois do trabalho, também é costume antigo entre as gentes pantaneiras. Para Lefebvre (2001), na obra “O direito à cidade”, a vida urbana penetra na vida camponesa. A metáfora empregada pelo jovem E40-04/12 retrata a bebida como forma de relaxamento: “Esse aí (aponta para um colega de trabalho) é igual televisão, sai fora do ar um pouco, mas depois de *descansá* já volta ao normal de novo”.

A bebida industrializada possui substâncias químicas e o consumo excessivo pode levar à “síndrome da dependência do álcool”:

A síndrome da dependência do álcool é caracterizada como um processo sequencial, que se inicia com a ingestão de bebidas até chegar a uma situação de dependência, num período que varia entre 5 e 10 anos, ligada a fatores cognitivos, comportamentais e fisiológicos. Por outro lado, as incapacidades relacionadas ao álcool consistem em disfunções físicas, psicológicas e sociais que advêm direta ou indiretamente do uso excessivo de bebidas e da “dependência” (Souza, 2001, p.24).

Os dependentes químicos passam a ser um problema social, de saúde pública, porque a bebida alcoólica gera enfermidades, internações para tratamento, desajuste familiar, violência doméstica, desemprego, etc. Nesse sentido, a melhor forma de amenizar os problemas físicos e sociais advindos do alcoolismo é a prevenção. Segundo Souza (2001): “O alcoolismo tem resistido a todas as formas de tratamento conhecidas até hoje. Há consenso que as medidas preventivas talvez sejam as que possam obter os melhores resultados” (SOUZA, 2001, p. 37).

O hábito de beber nem sempre leva ao alcoolismo, mas pode causar problemas econômicos e profissionais aos consumidores. A fala do entrevistado E34-04/12, ao ser questionado sobre o poder aquisitivo do peão pantaneiro, traduz as mazelas derivadas do excesso no consumo de bebida alcoólica:

Hoje o peão ganha dinheiro e não sabe *trabalhá* com o dinheiro dele, porque bebe muito. Todo mundo bebe, não é só peão, mas a maioria dos *peão* bebe mesmo pra *valê*, até caí. Vai na mulherada, elas *pega* o dinheiro dele. Acaba com o dinheiro, ai não tem nada. Tem muito peão que eu conheço que é cara bom. *Vévi male, male*, ele tem uma traia de arreio e pronto.

Os peões, considerados entre aqueles que os patrões e os colegas avaliam como “peão bom”, muitas vezes perdem a hegemonia no grupo em consequência da bebida, eles adoecem e podem falecer ainda jovens. A simplicidade das palavras do peão E41-04/12 descreve os problemas provocados pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas: “Ele bebe desde cedo, esse que é o problema. Bebe o dia inteiro. Aquilo vai cozinhando o miolo dele. Dá até medo de viajar com ele. Eu não viajo...” O entrevistado E34-04/12 complementa referindo-se a outro companheiro de estrada: “O pior é que tá matando o cara e ele não para. Ele *tava* viajando com boiada, de repente *ficô* ruim, levaram ele pra Rio Negro e ele morreu lá. Morreu ligeiro e novo o cara”.

O ser humano, em estado avançado da doença do alcoolismo, negligencia no trabalho, perde a noção do limite de suas ações. Os peões E43-04/12 e E40-04/12 relembram das atitudes de um colega alcóolatra: “Um dia *nóis cheguemo* aqui. O Zé rolou com a traia, deitou no meio da reta e falou: ‘Não *wô* mais nessa desgraça’, e *nóis* com mil e trezentas cabeça [de gado]”. “Se ele *inverná* acabou. Ele deita com a traia e *num* levanta mais”. Abandonar uma comitiva no Pantanal caracteriza falta de solidariedade, falha grave por parte de um peão.

Os mecanismos para cura ou prevenção dos problemas decorrentes do alcoolismo estão na cidade, como por exemplo, os grupos de Alcoólicos Anônimos - AA e a assistência promovida pelo Estado por intermédio de tratamentos médicos específicos, acompanhamento médico e internações, conforme a Portaria nº 816/GM/MS, de 30 de abril de 2002, que institui o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Álcool e outras Drogas, a Portaria nº 2.197/GM/MS, de 14 de outubro de 2004, que redefine e amplia a atenção integral para usuários de álcool e outras drogas, no âmbito do SUS, a Portaria nº 1.190, de 2 de junho de 2009, que institui o Plano Emergencial de Ampliação do Acesso ao Tratamento e Prevenção em Álcool e outras Drogas no SUS (PEAD), entre outros, além da Portaria n. 130 de 26/01/12 do Ministério da Saúde, sobretudo, em seu Capítulo II, Seção I, Art. 6º:

I - trabalhar de portas abertas, com plantões diários de acolhimento, garantindo acesso para clientela referenciada e responsabilização efetiva pelos casos, sob a lógica de equipe Interdisciplinar, com trabalhadores de formação universitária e/ou média, conforme definido nesta Portaria;

[...]

III - oferta de medicação assistida e dispensada;

[...]

VII - atendimento à família, individual e em grupo;

VIII - atividades de reabilitação psicossocial, tais como resgate e construção da autonomia, alfabetização ou reinserção escolar, acesso à vida cultural, manejo de moeda corrente, autocuidado, manejo de medicação, inclusão pelo trabalho, ampliação de redes sociais, dentre outros;

[...]

X - fornecimento de refeição diária aos pacientes assistidos, na seguinte proporção (Portaria N. 130 de 26/01/12 do Ministério da Saúde).

No Estado de Mato Grosso do Sul, mais especificamente a Prefeitura Municipal de Corumbá, desenvolve o “Programa Social Povo das Águas” que promove em parceria com o Centro de Atenção Psicossocial - álcool e drogas (CAPS ad), ações sociais junto à população ribeirinha do Pantanal de Corumbá, como por exemplo, palestras, distribuição de cartilhas e conversas em grupo esclarecendo sobre as consequências do uso excessivo de bebidas alcoólicas, além da identificação de pessoas com problemas relacionados ao consumo de álcool e, principalmente, informam para a gente pantaneira sobre os malefícios físicos e sociais decorrentes do uso excessivo de bebidas alcoólicas.

Dentre as justificativas das pessoas entrevistadas que consomem bebidas alcoólicas em demasia, a terapeuta ocupacional Liliane Pinho de Almeida, coordenadora do programa de prevenção ao alcoolismo desenvolvido pelo CAPS ad e responsável pela pesquisa realizada entre os meses de agosto e dezembro de 2011, dentro da ação Povo das Águas, em entrevista ao Diário Corumbaense *online*, no dia 13 de Dezembro de 2011, declarou:

No caso dos adolescentes identificamos que eles consomem porque a família consome. Observamos algumas situações em que crianças e adolescentes trabalham e, em razão da concentração de mosquito nas áreas, bebem para não sentir as picadas de mosquito (Disponível em <http://www.diarionline.com.br/>)

Segundo a pesquisadora, dentre os entrevistados:

A imensa maioria (42%) disse claramente não ter conhecimento do que a ingestão de álcool pode causar. Não acreditam que seja doença; não tem a informação que o alcoolismo é uma doença e muito menos que são dependentes da bebida alcoólica. A maior parte não sabe das consequências, o que o álcool traz de ruim e quais os riscos da doença (Disponível em <http://www.diarionline.com.br/>)

Iniciativas como as citadas acima são significativas e necessárias a despeito da aplicabilidade e abrangência limitadas. É importante mantê-las por intermédio do fortalecimento de políticas públicas que garantam a continuidade e ampliação.

Os pantaneiros E43-04/12 e E34-04/12, dependentes químicos sem fazer uso de bebida alcoólica há cerca de vinte anos, relatam as experiências pós-tratamento médico na cidade: “Prá *falá* a verdade tomei muita pinga. Hoje em dia, nem lembro desse troço. Cigarro fumava que nem um Caipora”.

Cachaça é bom. Mas você tem que *tomá* ela e não *deixá* ela *tomá* você. É bom, se *tomá* um gole, *guardá* e pronto. Eu tomei muita cachaça. Eu tomei até os *meu* trinta e três *ano*. Tomava um litro de pinga só de tarde, dormia bem zonzo. No outro dia *tava* bom e era todo dia, e eu viajava, mexia com bicho bravo.

No Pantanal, a fragilidade e a reduzida amplitude das políticas públicas esbarram em desafios estruturais como o aumento no fluxo de diferentes pessoas na região, com hábitos e costumes distintos da população local, promovido pelo desenvolvimento do turismo.

A inserção do Pantanal na nova etapa do capitalismo mundial, na forma de atividade turística transforma o viver pantaneiro e ressignifica o modo de vida das gentes pantaneiras.

O trabalho com o turismo, lenta e progressivamente, proporcionou a entrada de outros elementos culturais no cotidiano da gente pantaneira, como por exemplo, a gastronomia, a linguagem e a vestimenta. Krippendorf (2000) atribui ao turismo a responsabilidade pela difusão de diferentes culturas em nível mundial, ao afirmar: Ele (o turismo) permite o encontro de seres humanos que habitam as regiões mais afastadas e são de línguas, raças, religiões, orientação política e posição econômica muito diferente (KRIPPENDORF, 2000, p. 82-83).

As transformações sociais e culturais desencadeadas pelo incremento do turismo, também causam impacto negativos, pode-se citar como exemplo, o consumo excessivo de bebida alcoólica entre os trabalhadores do turismo. O entrevistado E36-05/12 atribui à atividade turística os problemas de saúde dos colegas de trabalho:

Todo turista que vem é prá *festá*, *tomá* cerveja. Esses três *dia* ele vem prá *bebê*. Depois volta cada um pro seu trabalho, e não vai *bebê*, o tanto que bebe nesses dias. Só que o profissional que *tá* recebendo ele aqui, sai desse grupo, ele pega outro e outro e continua bebendo. *Tá* tendo muitos profissionais na área, muito bons até, com problema de alcoolismo ou até alcoólatra mesmo. Já *tá* tendo problema até prá *trabalha*. É difícil por na cabeça dele. A festa pro turista é aqueles três *dia*, mas o profissional que fica aqui fica o ano inteiro. Nós *tamo* com uma porção aqui, gente boa, isso é um problema.

O relato do entrevistado expõe os conflitos da ascensão da atividade turística no Pantanal. Os turistas, principalmente do turismo de pesca, consomem e compartilham com os trabalhadores do turismo bebidas alcoólicas durante as férias no Pantanal. Porém, entre esses trabalhadores, o ciclo reproduz diariamente, a despeito de estarem no exercício da função e não disfrutando de férias, como os turistas. As palavras de Krippendorf (2000) refletem o antagonismo entre a realidade do turista e do trabalhador do turismo:

O turista, (...) esquece, frequentemente, que a experiência única que ele vive representa, para o autóctone a repetição contínua das mesmas situações. Ocorrem perpetuamente as mesmas situações, as mesmas excursões, as mesmas festas e as mesmas perguntas. Os turistas sucedem aos turistas, são centenas, milhares (KRIPPENDORF, 2000, p. 85).

A atividade turística como uma nova modalidade econômica no Pantanal, nas últimas décadas do século passado, engendrou nos residentes compreensões da natureza diferenciadas das construídas historicamente no processo de transformação pelo qual o Pantanal está passando desde as últimas décadas do século passado.

Considerações finais

O viver pantaneiro, até meados do século passado, era quase exclusivamente voltado à lida com o gado, com vínculos sociais e profissionais engendradas na família. Sinteticamente, no espaço rural o homem trabalhava na lida do gado, a mulher no suporte doméstico e os filhos ajudavam aos pais, em um contexto de poucas relações exteriores.

Consequentemente havia um número reduzido de consumidores de bebidas alcoólicas, inclusive porque os patrões controlavam/regulavam a entrada de bebidas nas propriedades, pois alegavam redução na qualidade do trabalho e aumento dos casos de desentendimento entre os colegas de trabalho e familiares.

Com o desenvolvimento da atividade turística no Pantanal, sobretudo a partir da década de 1970, turistas, empresários e trabalhadores do turismo passaram a fazer parte do cotidiano pantaneiro, imprimindo diferentes culturas, hábitos e formas de viver em sociedade. Gradativamente, essas pessoas foram incorporadas ao atual ordenamento profissional e social.

O reordenamento econômico e social no Pantanal promovido pelo avanço do capitalismo ao produzir, contraditoriamente, o “moderno” e os problemas modernos, facilitou o acesso à bebida e, consequentemente ao vício. No campo ou da cidade o alcoolismo é um problema para além do pessoal, não se trata de

questão ideológica ou de moral definir o modelo de comportamento ideal para uma pessoa, mas uma questão social, de saúde pública e de bem estar pessoal.

Referências

- ALMEIDA, M. G. *Fronteiras, territórios e territorialidades*. Revista da ANPEGE, ano 1, n. 1, Curitiba-PR, 2003.
- ALTVATER, E. *O preço da riqueza: pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial*. Trad. Wolfgang L. Maar. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.
- ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1995,
- ARAÚJO, A. P. C. & BICALHO, A. M. S. M. *O rural em movimento: a pecuária nas transformações espaciais do Pantanal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.
- BANDUCCI JR, Á. *A natureza do pantaneiro. Relações sociais e representação de mundo no "Pantanal da Nhecolândia"*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- BARROS, A. L. *Gente pantaneira. Crônicas da sua História*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Trad., Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BRASIL, PORTARIA Nº 130, DE 26 DE JANEIRO DE 2012 DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. Redefine o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas 24 h (CAPS AD III). Disponível em: <http://www.saude.gov.br/>
- CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARLOS, A. F. A. *A (re)produção do espaço urbano*. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto II – domínios do homem*. 2. Ed. Trad., José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DARDEL, E. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- Diário Corumbaense. Disponível em <http://www.diarionline.com.br/>
- GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. 2. ed., Oeiras/PT: Celta Editora, 1990.
- HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. Trad. Carlos Szlak. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- MORETTI, E. *Atividade turística no Pantanal e as transformações no trabalho*. Revista de Geografia, Campo Grande: UFMS, ano V, n. 9, Janeiro-Junho de 1999.
- NOGUEIRA, A. X. *Pantanal, homem e cultura*. Campo Grande: Editora UFMS, 2002. 1554p
- SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo, Hucitec, 1988. 2. ed., 1991.
- _____. *Natureza do espaço*. 4. ed. 5. reimpr. - São Paulo: EDUSP, 2009a.

_____. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. 2. reimpr. - São Paulo: EDUSP, 2009b.

SMITH, Neil. *Desenvolvimento Desigual*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.

SOUZA, J. A. DE. *Alcoolismo-atualização*. In: Anais do seminário sobre alcoolismo e vulnerabilidade às DST/AIDS entre os povos indígenas da macrorregião sul, sudeste e Mato Grosso do Sul. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Série Seminários e Congressos. N.º 4. Brasília, 2001.

SOUZA, J. A. DE, OLIVEIRA, M. DE & KOHATSU, M. *O uso de bebidas alcoólicas nas sociedades indígenas: algumas reflexões sobre os Kaingáng da bacia do rio Tibagi, Paraná*. In: COIMBRA JR., CEA., SANTOS, RV and ESCOBAR, AL., orgs. *Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2005.

